A IMPRENSA NO CEARA

NOTAS POR

João Baptista Perdigão de Oliveira

Ao dignissimo Presidente do «Instituto do Ceará»

DESEMBARGADOR PAULINO NOGUEIRA

E' incontestavel que ao seculo XV cabe a immensa gloria da maravilhosa invenção da imprensa.

O lugar e o anno em que ella effectuou-se, bem assim o nome do grande genio que a idealisou e a realisou, tem sido objecto de largas contestações por parte dos Bibliographos.

Os Allemães e os Hollandezes disputam-se esta grande honra, e, quanto aos primeiros, ha ainda divergencia: uns attribuem-n'a á cidade de Moguncia (Mayença), outros á de Strasburgo.

Os Hollandezes apresentam a cidade de Harlem como o berço da prodigiosa descoberta e a Lourenço Janzoon Coster (ou Koster) como aquelle que concebeu e realisou, no anno de 1437, a idéa de fazer caracteres moveis em madeira, isto é, lettras isoladas; de preparar uma composição glutinosa, cuja tinta imitasse á da escripta, ten-

do elle egualmente imaginado, e posto em pratica, um apparelho para imprimir,—a prensa.

Reconhecendo o inconveniente de servir-se de lettras moveis em madeira, porque os diversos pedaços de faia intumecer-se-iam ou contrahir-se-iam, conforme o grão de humidade ou de seccura da atmosphera ; cogitou, e levou a effeito, furar as lettras em sua extremidade superior e passar por esses furos um cordel para prendel-as umas ás outras, á maneira de rosario.

Koster fez ainda outros melhoramentos em sua descoberta, e conseguiu fazer imprimir alguns livros durante sua vida.

Para comprovar, cita-se, entre esses livros, o *Horatium* e *Donat*.

«Tem-se necessidade, diz Lachatre, (1) do testemunho de Schoepflin, Paul Pater, Birckenius e Daniel Spelin para dar-se credito a tão estranho processo.

Depois da morte de Koster (1440), sahiram da imprensa de Harlem diversos livros, entre elles, o livro dos *Homens illustres*, de S Jeronymo.

«Segundo Junius, Soriverius, Boxhornius, Scaliger e outros escriptores, foi Koster quem lançou os fundamentos da imprensa, foi elle ainda quem fez succeder os caracteres moveis em madeira ás planchas xylographicas. (2)

—As pretenções de Harlem sobre a invenção da arte, diz Rivara, (3) (a proposito da pretenção de Leiria ser a primeira cidade da peninsula que possuiu uma imprensa) eram tambem fundadas n'uma tradição egual, seguidas por homens notaveis e até fortificadas com o testemunho de contemporaneos, entretanto, hoje os Bibliographos rejeitam estas pretenções para attribuirem á Moguncia a gloria da invenção da typographia :

Alguns dos escriptores que se declaram pela Allemanha, dizem que pelo anno de 1438 Jacques Motelin concebeu

(1) Maurice Lachatre—Nouveau Dictionaire Universel.
(2) Lachatre—Nouveau Dictionaire Universel.
(3) Typographias em Portugal.

a invenção da imprensa em Strasburgo, onde então achava-se Guttenberg, de Moguncia (Mayença) ; que elles reuniram seus talentos para a obtenção de felizes resultados ; que fizeram ao mesmo tempo numerosos ensaios ; que, de volta a sua patria, pelo anno de 1445, Guttenberg trabalhou muitos annos no aperfeiçoamento desta arte, e, enlim, no anno de 1449, contrahiu sociedade com Fust, (ou Faust) ourives em Moguncia.

Guttenberg e Fust substituiram as lettras moveis em madeira por lettras esculpidas em metal ; e a isto chamou-se a segunda epocha da origem da imprensa.

A Biblia chamada de 1450, foi a primeira obra notavel que sahiu daquella associação, e foi por occasião dessa Biblia que Fust foi denunciado como feiticeiro perante o Parlamento, que o absolveu.

Um jovem aprendiz de Fust, e seu parente, chamado Schœffer tinha talhado peças de aço puro e as tinha gravado ; com um buril feriu as matrizes de um metal mais maleavel, collocou-as justificadas no centro de uma fôrma e conseguiu obter sinetes em relevo com o auxilio do chumbo, do estanho e do cobre, de que havia feito uma fuzão em seu cadinho.

Assim Schœffer foi quem primeiro fundiu no bronze os signaes da palavra, as lettras, que podiam reunir-se de uma maneira indefinida.

Foi depois desse processo que chamaram-se *typos* os caracteres destinados á impressão, e que deu-se a esta arte o nome de--*typographia*.--

A' esta versão acrescenta-se que Schœffer descobriu a tinta propria para imprimir, e que Fust ficou tão maravilhado por esta descorberta que deu-lhe a filha em casamento.

A sociedade de Guttenberg e Fust só durou cinco annos ; foi dissolvida em Novembro de 1455, em consequencia de um processo que Guttenberg perdeu contra Fust.

Outros Bibliographos referem de outro modo a origem da imprensa, e attribuem toda gloria a Guttenberg.

Eis a summula do que a respeito encontra-se em Campagne [4]:

João Gensfleisch de Sorgeloch Guttenberg nasceu, em Moguncia, no anno de 1404, descendente de uma familia de fidalgos.

Por esse tempo, Moguncia, Worms, Strasburgo e outras cidades de Allemanha eram umas pequenas Republicas.

Duas classes disputavam o poder: a fidalguiae a burguezia; o povo, como ordinariamente succede, flutuava entre ambas. Os dous partidos, alternadamente vencidos e vencedores, tinham continuas emigrações; os de Strasburgo iam para Moguncia, os de Moguncia para Strasburgo.

O jovem Guttenberg, fidalgo de linhagem, combatia pela causa da nobreza, e, quando o seu partido foi vencido, teve necessidade de emigrar para Strasburgo.

Não muito tempo depois foi deportado, como outros fidalgos, em consequencia de uma contestação, que houve, de precedencia nas cerimonias na entrada solemne do Imperador Roberto e do Arcebispo Conrado.

Seus bens foram confiscados.

Achava-se Guttenberg na flôr de sua mocidade, pois contava, apenas, dezenove annos.

Foi durante seu exilio de dez annos que elle deu-se a serios estudos, e sua attenção se voltou para um empenho mais glorioso que as honras vãs, por que tinha combatido até então.

Feita a paz, Guttenberg não quiz voltar para Moguncia; sua mãe pedia á Republica a restituição de seus bens, ou uma pensão alimenticia. A cidade recusa o subsidio, a pretexto de que ficava elle sendo considerado como inimigo da patria por não querer regressar a ella.

Guttenberg tinha, entretanto, grangeado tal populari-

---

(4) Diccionario Universal de Educação e ensino — por E. M. Campagne, trasladado a Portuguez e ampliado nos varios assumptos relativos a Portugal por Camillo Castello Branco.

dade em Strasburgo, não só por seu talento, como pelo seu caracter, que quando o magistrado de Moguncia passou por aquella outra cidade, foi preso pelo povo, que o não soltou em quanto o municipio de Moguncia não restituiu a Guttenberg todos os bens, que lhe tinha sequestrado.

Quando recebeu a herança paterna, foi que elle dedicou-se activamente a pôr em effeito o projecto que tinha em mente.

Percorreu a pé a Suissa, a Italia a Allemanha e a Hollanda, onde as artes e as sciencias mais floreciam.

Nesta ultima viagem á Hollanda, conheceu elle um sachristão da Sé de Harlem, chamado Lourenço Koster. Este rapaz, estando para casar, quiz fazer um brinde a sua noiva, abrindo a firma de seu nome e o della n'um pedaço de madeira de salgueiro. Um dia notou que as lettras tinham ficado marcadas no pergaminho em que as embrulhára, porque, sendo a madeira muito verde, a seiva que tinha vertido, produzira aquella especie de impressão.

Alvoroçado com esta inesperada combinação, abriu nova chapa, untou-a de preto e tirou a firma conjugal em um pergaminho.

Mostrou Koster a Guttenberg este seu achado, que foi como um raio de luz para o meditativo Allemão.

Por este processo se começaram a imprimir algumas orações, primeiro o Padre Nosso, e depois outras.

E' o que chamou-se impressão tabellaria. Por esse modo apenas podia se estampar uma pagina de cada vez, e o mesmo inconveniente tinham as chapas ou fôrmas gravadas, a que dava-se o nome de impressão xylographica. O descobrimento estava imcompleto : Guttenberg é que tinha nascido para crear a typographia.

Feitas as primeiras tentativas, partiu elle para Strasburgo, e ahi conseguiu, depois de muitos ensaios infructuosos, fundir as fôrmas, como a estereotypia, e com ellas imprimir alguns textos.

Sem o necessario recurso para estabelecer uma fundição de typos e as mais officinas complementares da ty-

pographia, fez uma sociedade com André Dritzchen e João Riffe, ourives de Lichtenau.

O povo julgando que tudo aquillo era obra de feiticeiros, levantou-se contra o innovador ; vendo este obrigado a transportar a sua officina para o deserto convento de Santo Antonio de Arbogasto.

Foi ahi que Guttenberg inventou o instrumento complementar de sua invenção,—o prelo.—

Affirma-se que a primeira prensa foi feita por Conrado Saspach.

Como Guttenberg fizesse algumas outras tentativas e obras sem dar conhecimento disso a seus associados, entenderam estes que faltava assim as clausuras do contracto, e promoveram contra elle uma demanda que, afinal, ganharam.

Perdendo grande parte do capital que tinha empenhado nesta empreza, Guttenberg voltou para Strasburgo, onde, elle só,fundou a primeira imprensa que houve naquella cidade.

Ainda alli foi perseguido por seus ex-socios, a pretexto de liquidação de contas ; e o grande inventor, vendo seus bens penhorados pela justiça publica, teve de sahir de Strasburgo e voltar para Moguncia, pobre e fugitivo.

A Providencia concedeu-lhe então algum lenitivo a tantas angustias : o amor e o coração de Annete de la Porte, donzella que elle conhecera desde a infancia, e á qual havia feito promessa de casamento.

Pobre e perseguido, Guttenberg não queria encadear a sua desventura ; mas Annete, vencendo a repugnancia da familia e escutando somente a voz do coração fel-o, acceitar a sua mão e associal-a a seu destino.

Em 1449, depois de casado, Guttenberg contrahiu uma sociedade com Fust [ou Faust] ourives e banqueiro, e com Schœffer, tambem ourives, sendo a mesma sociedade dissovida, pelo anno de 1455, formando-se uma outra entre Fust e Schœffer.

Não se póde precisar qual foi a primeira obra que foi entregue ao prelo : infere-se, porem do espirito religioso

que neste invento guiou a Guttenberg, que foram, provavelmente, os *Psalmos* e a *Biblia*

Lamartine adoptou esta hypothese, quando disse : «E' glorioso para a imprensa, tel-a inventado a Religião e não a industria.»

Affirma-se que a Bibliotheca Nacional de Lisboa possue um exemplar da Biblia attribuida a Guttenberg, que é uma das maiores riquezas e raridades da mesma Bibliotheca

Dissolvida a sociedade que teve com Fust e Schoeffer, de que sahiu despojado de sua gloria e de seus haveres, Guttenberg retirou-se para Nassau, onde o eleitor Adolpho II o nomeou seu camarista e conselheiro de estado.

Nessa cidade ainda imprimiu alguns livros ; e foi nella tambem que teve o infortunio de ver morrerem todos seus filhos, e, depois, a sua idolatrada Annete ; o que foi para elle a perda que mais o anniquilou, porque fôra Annete quem, pela sua ternura e dedicação, contribuira para influir-lhe a perseverança heroica, sem a qual não lograria elle completar a sua grande obra.

Como quasi sempre succede a todos os inventores, Guttenberg, pobre e perseguido quasi toda a vida, logo que falleceu recebeu as maiores homenagens.

Só então é que seu invento foi devidamente avaliado, encarecido e applaudido com o maior enthusiasmo ; muitos nobres, Reis e Principes apprenderam a arte typographica, e a arte e os artistas gosaram dos privilegios da nobreza.

Quatrocentos annos depois da prodigioza descoberta, em 1840, inaugurava-se em Strasburgo a estatua de Guttenberg, cinzelada por David d'Augers.

O acto durou trez dias.

Perante o simulacro do grande genio recitaram-se innumeros panegyricos, e leram-se extensas memorias, achando-se ahi presentes todas as notabilidades typographicas, scientificas e litterarias.

Monarcha algum teve ainda tão solemne e sumptuoso cortejo !

§

Sei que os estreitos limites de meu humilde escripto, não comportam maiores apontamentos ou noticias sobre a typographia ; comtudo,não farei ainda ponto final deste capitulo, antes de tornar conhecida do leitor a lenda do sonho que teve Guttenberg,quando achava-se empenhado em sua maravilhosa invenção.

Estou certo de que o leitor me ficará grato, attenta á belleza de estylo, a par da maior simplicidade, de que se acha revestida tão interessante lenda.

Eila :

« N'uma cella do convento de Arbogasto,sentado a um bufete, com a cabeça apoiada na mão direita, meditava um homem pallido, de longa barba e de olhar immovel. Este homem chamava-se Guttenberg

« De vez em quando erguia a cabeça scintillando-lhe os olhos por modo que pareciam illuminados por um clarão interior. Nestes extasis, João corria os dedos pela barba com um movimento de subita alegria. E' que o eremita da cella monastica estava resolvendo um poblema, cuja solução já antrevia. De repente levantou-se soltando um grito d'alma. Era o desafogo de uma idéa por longo tempo sopeada.

« João correu a um bahú que tinha ao canto da cella, abriu-o e tirou um instrumento cortante ; depois, poz-se a cortar um pedaço de madeira. Em todos os seus movimentos se revelava certa anciedade, como se temera lhe fugisse a idéa que lhe occorrera, diamante que achára e queria lapidar e acrisolar para a posteridade.—João cortava o pau com uma celeridade febril, o suor corria-lhe em bagas, e os olhos inquietos não se lhe despregavam da obra que tinha em mão.

« Durou muito tempo esta faina, acabada ella molhou os pedaços de madeira n'um liquido negro, assentou-os sobre um pergaminho, e pondo-lhe as mãos em cima com todo o pezo de seu corpo, que lhe serviu de prensa, imprimiu a primeira lettra que tinha aberto na madeira. Depois de contemplar a sua obra, segurou-a de jubi-

lo lhe sahiu do peito. Fechou os olhos com um ar de beatitude tal que pudera ser invejado pelos que estão no Paraiso e cahiu desfallecido sobre o escabello. Quando o somno se apoderou delle, murmurou : «Sou immortal»!

« Guttenberg teve então um sonho que lhe agitou o espirito. «Ouvi duas vozes,diz elle,duas vozes desconhecidas que me fallavam alternativamente. Uma dizia-me : «Exulta, João, tu és immortal ; d'ora avante,a luz que tu creaste se diffundirá por todo o mundo ; os povos que vivem a milhares de leguas distantes de ti, estranhos ás idéas do nosso paiz, lerão e comprehenderão todos os pensamentos, hoje mudos, derramados e multiplicados com a reverberação do fogo,obra de teu genio ! Exulta, João, és immortal, porque o teu descobrimento vai dar vida perpetua aos genios que morreriam á nascença se não fôras tu ; e que, por gratidão, hão de proclamar successivamente a immortalidade daquelle que os immortalisou».

« Calou-se esta voz, deixando-me entregue ao delirio da gloria.

« Ouvi então a outra voz que me dizia : «Sim, João, és immortal ; mas porque preço ! As idéas de teus semelhantes serão acaso sempre puras e santas, para que mereçam ser expostas aos olhos e aos ouvidos de todo o genero humano ?

« Não ha muitas, e talvez o maior numero, que merecem antes ser mil vezes suffocadas que repetidas e multiplicadas por todo o mundo ? «O homem é ás mais das vezes perverso, e por isso profanará o dom que lhe conferes ; abusará do novo sentido com que o dotaste. D'aqui a um seculo, em vez de te abençoar, ha de amaldiçoar-te.

«Homens nascerão, cujo espirito será altissimo e seductor, mas de coração perverso e corrompido ; sem ti jazeriam na obscuridade, limitados a um breve circulo ; não serião nocivos, senão aos seus contemporaneos e á sua epoca ; mas com o teu invento communicarão o seu es-

pirito vertiginoso, a desgraça e o crime a todos os homens e a todas as idades!

« Vê esses milhões de almas contaminadas pela corrupção de uma só!

« Vê esses mancebos pervertidos pela leitura dos livros, cujas paginas vertem o veneno do espirito.

« Vê quantas donzellas immodestas pela leitura dos livros que lhes pervertem o coração!

« Vê tantas mães chorando a perdição de seus filhos. «Vê tantos paes envergonhados da infamia de suas filhas!

« João, não é cara a immortalidade que custa tantas lagrimas e angustias? Desejas a gloria por este preço?

« Não tremes, João, não te assusta a responsabilidade que te ha de pesar na consciencia por semelhante gloria?

« Crê-me João, vive como se não tivesses feito tal descobrimento; encara a tua invenção como um sonho seductor, mas funesto, cuja execução seria util e santa se todos os homens fossem bons. Mas em geral são maus e prestar armas aos malfeitores não é ser cumplice dos seus crimes?»

—« Accordei horrorisado e duvidoso; hesitei por algum tempo; mas considerando que os dons de Deus, posto que muitas vezes sejam perigosos, nunca são nocivos; e que dar mais um instrumento á razão e á liberdade do homem, era abrir mais vasto campo á intelligencia e á virtude, ambas de origem divina, prosegui na execução do meu invento, a typographia.»

Tal é a lenda do sonho que teve o inventor da imprensa, segundo consta de um manuscripto da bibliotheca do conselheiro aulico Beck, e que tão ao vivo reflete todas as controversias que tem havido sobre a liberdade da imprensa.

« Traduzimol-o textualmente da versão feita por M. Carand, de Strasburgo, sem lhe alterarmos a ingenuidade do estylo, nem lhe fazermos nenhum commentario, porque todos quantos lhe juntassemos não acrescentaria-

mos um átomo á obvia intelligencia desta verdadeira prophecia». (5)

II

§

O primeiro jornal publicado no mundo, de que se tem noticia, foi o *Acta Diurna*.

Appareceu em Roma no anno de 168, depois de Jesus Christo, sendo imperador Marcos Aurelio.

Era manuscripto e dava conta de incendios, dos julgamentos, execuções, phenomenos athmospherícos e outras noticias locaes.

Circulava de mão em mão, despertando o maximo interesse e attrahindo a attenção de todos os Romanos nobres, que faziam-no copiar por seus escravos ; e Juvenal refere que uma senhora fazia do *Acta* a occupação predilecta de todas as suas manhãs.

Sua publicação, que a principio era periodica, tornou-se diaria, a partir da dictadura de Julio Cesar.

O *Acta* desappareceu com a queda do imperio Romano.

A Historia não consigna o nome de seu redactor ou redactores.

Affirma-se que a bibliotheca do Vaticano possue um exemplar, talvez o unico,de tão interessante jornal,o que constitue uma das preciosas raridades alli existentes.

§

O primeiro jornal impresso, que se conhece, appareceu em Nuremberg, na Allemanha, em 1457, isto é,dezenove annos depois da descoberta da imprensa.

Quarenta e dous annos mais tarde, em 1499, era impresso em Colonia *O Chronick*,por Ulrich Zeel.

A Italia disputa á Allemanha a primazia no jornalismo, e reclama essa honra para Veneza.

(5) Archivo pitoresco.

Cita, como seu primeiro jornal impresso, *La Grazetta*, que appareceu em 1570.

Não são accordes as opiniões, quanto á origem do titulo desse jornal. Entendem uns que proveio da palavra *Grazetta*, pequena moeda de então e porquanto se vendia um exemplar ; outros, porem, querem que nascesse da palavra *Grazza*, que significa *tagarelice*, *bisbilhotismo* ; emfim, uma terceira opinião, de um passaro palrador, *grazza*, —pêga.

Dizem que da *Grasetta* existem copias, em uma ou duas collecções particulares de Londres.

O catalago da collecção do Muzeu Britanico, por outro lado, apresenta um numero de um jornal intitulado *Neue Zeitung aus Hispanien und Italien* — impresso ou publicado em Nüremberg, e que traz a data de Fevereiro de 1534, sendo este o unico exemplar conhecido.

Foi este jornal o primeiro que se occupou da noticia de um facto externo : a conquista de Perú.

Exprime-se da seguinte meneira :

« O governo de Panumyra (Panamá) escreveu a sua magestade Carlos V que um navio acabava de chegar do Perú com uma carta do regente Francisco Piscara (Pizarro), annunciando que se tinha apoderado daquella região ; com 200 Hespanhoes, infantaria e cavallaria, tinha atacado um grande fidalgo chamado Cassiko (cacique). Os Hespanhoes sahiram vencedores e lhe tinham tomado 5.000 *castillons* (moedas de ouro) e 20.000 marcos de prata. Emfim tinham feito com que o mesmo cassiko pagasse 2 milhões em ouro».

Em 1615 apparece em Francfort o primeiro jornal quotidiano e que ainda hoje existe—*Die Franckfurter Oberpostamts-Zeitung*.

Em 1622 é que a Inglaterra apparece na lista chronologica do jornalismo, occupando assim o quinto lugar.

Nesse anno vem á luz da publicidade o *Weekly News*, jornal hebdomadario como o titulo o designa.

O jornalismo da França foi inaugurado em 1631.

O celebre genealogista d'Hozier era obrigado, pela natureza mesmo de suas funcções, de entreter uma corres-

pondencia muito activa tanto com o interior do Reino, como com os paizes extrangeiros.

Communicava todas as novidades a seu amigo Théophraste Renaudot, medico do Rei, e director geral do gabinete de noticias (escriptorio de redacção) e este as transcrevia, para com ellas divertir a seus doentes.

Estas *noticias frescas* tornaram-se tanto em voga, que Renaudot, não podendo satisfazer os pedidos que constantemente eram-lhe dirigidos, pensou em fazer imprimil-as e vendel-as áquelles que se portassem bem. Solicitou a necessaria auctorisação, e Richelieu, que comprehendeu bem depressa de que importancia seria para o Governo uma folha, que contasse os acontecimentos sob a dictadura e no sentido do poder, apressou-se em conceder o privilegio solicitado.

O primeiro jornal Francez foi, pois, uma collecção de factos, noticias e documentos, que contava com permissão e pensava por ordem.

O seu primeiro numero appareceu, na cidade de Paris, ao 1.º de Abril de 1631, sob o titulo de—*Gazeta da França*,—nome este tomado por emprestimo de uma outra Gazeta, (de que já tratei) que se publicava em Veneza desde o começo do seculo. (6)

—O jornalismo da Suecia data de 1644 ; o da Escocia teve principio em 1653 e o da Hollanda trez annos mais tarde, em 1656.

Desde 1647, ou segundo outros, 1661 appareceram em Lisboa folhas e gasetas noticiosas e politicas, cujos auctores ainda não estão de todos averiguados.

Somente em 1715 foi ahi firmado o uzo de jornaes e folhas periodicas ; e deve-se, conforme consta, a José Freire Montarroyo Mascarenhas,

—Segundo as investigações do Rev. J. B. Felt pertence a Benjamin Harris a honra de prioridade na publicação de jornaes nos Estados Unidos da America do Nor-

(6) E. Hatin.

te, editando—*The Publick Occurrences*, que appareceu em Boston a 25 de Setembro de 1690.

O programma do *Publick Occurrences*, modesto em extremo, era tambem em extremo o melhor que se póde imaginar; continha-se nas seguintes linhas, conforme affirma Varigny (7) que diz possuir uma copia daquelle jornal:

« Minha intenção é fornecer ao publico uma vez por mez uma summa do que occorrer e tiver importancia. Si, *extraordinariamente*, chegar ao meu conhecimento alguma noticia importante no intervallo de dous numeros, publicarei uma folha avulsa. Peço a todos os homens bons de Boston que me queiram dar informações. Considerando principalmente que é necessario querrear o espirito da mentira, nada imprimirei cuja exactidão não tenha verificado, e si eu commetter algum erro involuntario, rectifical-o-hei no numero seguinte. »

Harris, entretanto, não teve tempo, nem opportunidade de pôr em pratica o seu programma, por isso que o modesto jornal teve apenas a existencia de um dia!

E' que as auctoridades Inglezas julgaram *ousado* demais o procedimento daquelle editor, que attrahindo sobre sua cabeça a censura administrativa, teve necessidade (por não acceder ao convite de occupar-se com couza differente que informar os seus concidadãos ácerca do que pudesse passar em Boston) de emigrar para Londres, onde, em 1705, fundou o *Post*, que ainda hoje existe occupando um lugar distincto no jornalismo Inglez.

Dentro de vinte e quatro horas, todos os exemplares do *Publick Occurrences* foram apprehendidos por ordem das auctoridades inglezas!

O malogro de Harris desanimara, como era de prever, a quem quer que quizesse imital-o, e durante quatorze annos nem uma tentativa foi feita para substituir o *Publick Occurrences*.

---

(7) C. de Varigny — O Jornalismo nos Estados Unidos.

De tempos a tempos era que se recebiam em Boston folhas impressas em Londres, que eram lidas em voz alta nas praças publicas, e depois circulavam de mão em mão até cahirem aos pedaços, ou algum rico personagem compral-as. Manchadas e quazi intelligiveis vendiam-se por uma libra esterlina!

Em 1704, o Director dos Correios de Boston, John Campbell, tentou uma nova empreza jornalistica; em 24 de Abril deu á luz da publicidade, sob o titulo - *The Boston New Letters*, uma folha hebdomadaria, de pequeno formato, e que só continha annuncios de casas para alugar ou vender, signaes de famulos que tinham deixado os amos e lista dos navios a sahirem

Antes das investigações de Felt (de que já fallei) acreditou-se por muito tempo que o *New Letters* era o decano das publicações periodicas Americanas.

O seu primeiro numero foi levado á toda pressa pelo magistrado ao Presidente da Universidade de Harvard, como uma das mais estupendas curiosidades da colonia.

Animado por esse bom successo, Campbell sahio, dentro em breve, do estreito quadro do primeiro numero de seu jornal, a que foi dando maior desenvolvimento inserindo noticias commerciaes, maritimas, e, afinal, politicas, e reproduzindo trechos ou extractos da Gazeta de Londres.

Sentia-se vigiado; mas a opinião publica o apoiava e o animava a proseguir.

Como quer que seja, quinze annos depois de sua fundação, o *New Letters* não se achava em posição brilhante, a julgar pelo appello que Campbell fazia a seus leitores, dizendo que a venda semanal attingia apenas a 300 numeros, e, por isso, via-se obrigado a elevar o preço da assignatura do jornal a 6 shillings por anno, e isto mesmo para fazer face ás despezas, não percebendo remuneração alguma por seu trabalho pessoal.

§

A França, a Inglaterra, Portugal, e os Estados Unidos

da America do Norte já possuem escripta, assás desenvolvidamente,a historia de sua imprensa, de seu jornalismo.

Quanto á França, existe o *Martyrologico da imprensa de 1789 a 1864*, escripta por M. Germain, assumpto de que tambem se occupou M.Fernand Girardin em sua obra —*A Imprensa periodica de 1789 a 1867*.

Anteriormente, M. Hatin havia dado á luz da publicidade o seu *Manual da liberdade da Imprensa em França*, livro este cheio de erudição,e no qual descreve-nos, ás estreitas, os ensaios de seus predecessores, quanto á fundação da imprensa, as luctas que, desde Francisco I até a queda do segundo imperio, foram sustentadas pelos jornalistas Francezes com os diversos poderes que se tem succedido.

Em 1866, M. Alfred Sirven propõe-se a escrever, sob o titulo *Jornaes e Jornalistas*, uma serie de 12 volumes, contendo cada um a historia politica, philosophica e litteraria de um jornal existente na França.

Assim, fez vir á luz da publicidade diversos livros relativos á vida do *Jornal dos Debates*, do *Seculo*, da *Imprensa*, que mais tarde transformou-se em *Liberdade*, etc.

Com relação á imprensa Ingleza existem os seguintes livros: o *Quarto poder*, devido á penna de F. Knight Hunt; *A historia do Jornalismo Inglez*, de que é auctor Alexander Andrews; *A imprensa periodica, sua origem, progresso e presente posição*, escripta por James Grant.

L. Philippe Leite escreve a historia da imprensa politica e litteraria de Portugal; e sobre este assumpto encontram-se amplas informações nas *Memorias da Academia real das sciencias*.

E' digno de leitura o trabalho de Rivara sobre as Typographias em Portugal, em que descreve o desenvolvimento do estabelecimento das typographias em diversas cidades e villas do Reino.

Ainda sobre a introducção da typographia em Portugal, o erudito Dr. Antonio Ribeiro dos Santos escreveu uma interessante memoria, que foi encontrada entre a preciosa collecção de seus escriptos, inedictos, sobre historia civil, ecclesiastica, litteraria etc.

—Em 1810 Isaiah Thomas escreve a *Historia da imprensa nos Estados Unidos*; quarenta e dous annos mais tarde (1852) Joseph Buckingham publica uma obra, sob o titulo de *Reminicencias de Buckingham*, em que trata accidentalmente da imprensa dos Estados Unidos da Nova Inglaterra.

Posteriormente, Frederic Hudson dá á luz da publicidade um livro curioso, acerca do jornalismo Norte Americano.

Servindo-se desses elementos e dos escriptos mais recentes de James Gordon Bennett (8) e de Henry J. Raymond (editor de *New York Times*) de outros jornalistas que deixaram em suas memorias os resultados de seus trabalhos e de sua experiencia pessoal, C de Varigny (Francez) traça com mão de mestre os mais succulentos artigos sob o titulo *O jornalismo nos Estados Unidos* (1877).

---

(8) Começou a carreira jornalistica no *Courier*, depois, 1832, fundou o *New York Globe*, e, suspendendo a publicação, tentou reatar relações com os seus antigos amigos partidarios, mas as suas exigencias impossibilitaram qualquer negociação. Emprehendeu, então, e levou a effeito, a fundação de uma folha francamente independente, fóra e acima dos partidos, uma folha que não fosse nem federalista nem republicana, nem democratica, mas puramente americana e dedicada ao interesse nacional.

Assim, fundou em 5 de Maio de 1835 o *New York Herald*, esse colosso, que occupa o primeiro lugar no jornalismo da grande Republica, quiçá do mundo inteiro.

Para que se possa avaliar o grau de prosperidade do *New York Herald*, transcrevo o seguinte periodo do importante escripto de C. Varigny, *O jornalismo nos Estados Unidos*.

« Em 1866 Bennett cedeu ao filho a direcção do seu jornal. Vimos que elle começou a sua carreira de editor com 500 dolars. Retirou-se com uma fortuna pessoal de 8.750.000$000. Um amigo pergunta-lhe então si era verdade, como se dizia, que elle pensava em vender o *Herald*. «Não ha capitalista em New York bastante rico para compral-o,» respondeu elle. Tinha razão, e quando o filho tomou posse delle, a avaliação feita foi de 7000.000$000. »